

Análise Dom Casmurro

Por Rosete

“Vamos a História dos Subúrbios”, frase final do livro real e frase inicial do livro que Bentinho colocaria no prelo.

O livro Dom Casmurro foi uma conversa intimista, uma confissão que ele fez com cada um dos leitores. Bentinho me contou a vida dele depois de conhecer Capitu, integrou na história familiares e amigos. Falou de Capitu que passa de “deusa” a devassa.

Li o livro aos 17 anos e só foquei na traição de Capitu, a minha certeza foi quando ele volta do primeiro ato da ópera que assistiu sozinho e encontra Escobar em sua casa. Na época ninguém se atreveria a visitar uma dama casada sem a presença do marido.

Quando relatei a “grande descoberta” ao meu pai, ele sorriu e disse: “você tem que reler Machado daqui uns anos”, e como ele estava certo.

A traição ou não de Capitu, não me impressiona na sétima década, e sim a forma como Machado me fez ver Bentinho.

Machado era apreciador de Shakespeare e colocou em Dom Casmurro um personagem apaixonado e duplo. Bento era o ego, como Otelo e Sant’Iago” o Yago, seu superego, um a amar o outro a odiar criando fantasias ou não de Capitu/Desdêmona. E nós leitores escutando tudo, ora concordando ora não.

Bentinho era violento com animais e quase chega ao suicídio/homicídio.

No fim da vida está só, pois todos os outros personagens já morreram.

Só mas Vivo, valeu a pena?

Quanto a traição ou não de Capitu fica a cargo das gerações que continuarão a acusar ou absolver.